

“LÁ ELES COMEM ATÉ CACHORRO”: ESTRANHAMENTO OCIDENTAL PERANTE HÁBITOS ALIMENTARES CHINESES

TAMIRES RODRIGUES SIQUEIRA¹;
RENATA MENASCHE²;

¹UFPel 1 – tamiresr.siqueira@hotmail.com

²UFPel – renata.menasche@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A necessidade biológica de comer é comum a todos, mas o que comemos é intrínseco a aspectos sociais e simbólicos: a comida transcende o ato biológico de nutrir, sendo carregada de significados. E demarca o meio social em que cada uma de nós está inserida, revelando muito do que somos, e nossa identidade social (MINTZ, 2001). Por isso, o que ingerimos pode gerar uma série de reflexões.

Nesse sentido, proponho uma reflexão em torno de como a comida oriental é vista com estranhamento, dado o exotismo atribuído pelo Ocidente ao que destoa de sua cultura.

Na presente reflexão, baseio-me na abordagem antropológica e no princípio fundamental da Antropologia, que é a concepção de etnocentrismo e do relativismo cultural.

A Antropologia possibilita um debate privilegiado para refletirmos sobre o que define essa estranheza a partir do conceito do etnocentrismo porque nos demonstra que o choque cultural que temos ao entrarmos em contato com os hábitos alimentares de uma cultura diferente é natural e esperado. No entanto, demonstra também que o exotismo presente no imaginário popular acerca dos hábitos alimentares de países asiáticos (especificamente a China) é muitas vezes atravessado pelo racismo recreativo como uma forma de colocar o oriente em um patamar inferior aos hábitos alimentares ocidentais. Explicando melhor: é frequente ouvirmos em conversas informais expressões como "pastel de flango", "comem até cachorros" e, talvez a mais comum, "comem de tudo". Geralmente, não há distinção entre as culturas orientais, tratando-as como se não fossem distintas entre si.

Podemos pensar nesta generalização como um desdobramento do etnocentrismo, dado que a comida chinesa “fere nossa própria identidade cultural” (ROCHA, 1988. p.5) e o que por nós é conhecido. Nesta perspectiva etnocêntrica, nosso olhar ocidental gera uma impossibilidade de respeitarmos a multiplicidade cultural de outras sociedades.

A pandemia de Covid-19 teve seu início em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, tendo sido causada pelo novo coronavírus, também conhecido como SARS-CoV-2. Tão rapidamente quanto crescia o número de infectados e mortos em decorrência da pandemia, surgiam especulações de como o vírus teria sido disseminado. Inicialmente especulou-se que o vírus teria começado com o consumo de serpentes, depois surgiram comentários de que o coronavírus teria sido causado por morcegos e, por fim, pelo consumo de carne de pangolim. Com a pandemia, a habitual aversão acerca de hábitos alimentares de países asiáticos acentuou-se, bem como manifestações de hostilidade e estereótipos correspondentes.

Nesse quadro, os hábitos alimentares dos chineses ficaram sob os holofotes do julgamento ocidental. Na mídia e nas redes sociais foi possível acompanhar algumas dessas manifestações de hostilidade. A incompreensão sobre hábitos alimentares do continente asiático, associada à ansiedade e medo de contágio pelo coronavírus, provocou irracionalidade e aumento do preconceito não apenas em relação aos hábitos alimentares, mas a tudo que se referisse às populações asiáticas (JORNAL USP, 2021).

Trago como ilustrativa uma matéria publicada em 2021 e atualizada em outubro de 2022, intitulada “O hábito de comer cachorro na China: mitos, verdades e imagens fortes”. Cabe destacar uma afirmativa que chama a atenção na reportagem. O autor destaca que os chineses “comem de tudo” e demonstra incompreensão e repulsa diante do fato de comerem carne de cachorro. Em seus comentários ao longo da matéria, há uma linha tênue entre o estranhamento e a intolerância. Ele tenta explicar as razões de sua estranheza, mas, ao mesmo tempo, demarca o olhar ocidental em que está enquadrado e que considera correto. Os comentários gerados pela matéria vão no mesmo sentido, porém com mais hostilidade. Alguns afirmam que estão apenas esperando pela próxima pandemia que “os asiáticos e suas comidas estranhas” causarão, enquanto outros são ainda mais agressivos, comparando os hábitos alimentares dos chineses com o primitivismo. No entanto, de modo a debater qualquer costume, faz-se necessário entender não apenas o momento histórico em que surgiu, mas também sua repercussão no grupo social. Sobre o consumo de carne de cachorro, por exemplo, Corrêa (2020, p. 141) nos convida a refletir, apontando que:

Em virtude do comportamento alimentar humano ser permeado de relações socioculturais estabelecidas a partir de condicionantes biológicos e fisiológicos (comer como necessidade para saciar a fome) e ecológicos (alimentar-se do que está disponível no meio ambiente), fica mais fácil compreender os hábitos alimentares chineses. Diante de períodos de fome intensa, qualquer coisa que se mexesse passou a entrar na ordem do comestível, isto é, tornou-se, para a população chinesa, comida.

A exotização com a qual a comida asiática é vista, alimenta a noção simplista e equivocada muitas vezes difundida de que todos os países asiáticos partilham dos mesmos hábitos alimentares, como se fossem um só e reforça o olhar etnocêntrico ocidental. Mas, principalmente, estimula a separação hierárquica entre nós e eles.

2. METODOLOGIA

Dado o caráter de revisão deste estudo, a metodologia consistiu na busca de trabalhos publicados sobre o tema a partir de duas plataformas de dados

acadêmicos, Google Scholar e SciELO, conformando uma breve revisão bibliográfica sobre o tema. Como parâmetros de busca, usei as palavras chaves “comida oriental”, “hábitos alimentares ocidentais”, “hábitos alimentares orientais”, e “racismo alimentar”. Ainda, priorizei as leituras de artigos publicados essencialmente nos últimos cinco anos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ser humano é um animal onívoro, de modo que o discurso usado para descrever os hábitos alimentares dos chineses também se aplica aos ocidentais, afinal podemos comer de tudo e qualquer coisa que esteja à nossa disposição. Podemos comer “tudo e qualquer coisa”, mas nossas escolhas alimentares são delimitadas por nossas noções culturais do que é comestível.

O ato de comer é também um ato cultural. Assim, a comida é capaz de revelar não apenas o grupo social ao qual fazemos parte, como também tabus e forma de nos relacionarmos com o mundo ao redor (MINTZ, 2001).

Refletir sobre tais tabus é impensável sem ter presente os estudos de Mary Douglas, importante antropóloga britânica, cujas contribuições tiveram grande impacto nos estudos relativos à alimentação e cultura. Segundo Douglas (1966), a noção de pureza e perigo varia conforme a sociedade em que se está inserido. E é uma preocupação inerente e fundamental para todas as sociedades humanas, já que envolve a noção de mundo ao nosso redor. Justamente por isso, ao entrarmos em contato com o diferente, algo que foge da categorização ao qual estamos habituados, somos invadidos pela forte sensação de impureza e perigo.

E é em razão disso, que cada cultura deve ser entendida a partir de seus próprios hábitos e preferência culturais. A respeito disso, mostra-se essencial analisar cada cultura a partir de seus próprios sistemas simbólicos de classificação. Franz Boas (2005) argumentava que cada cultura é particular e deve ser compreendida a partir de seu contexto histórico e sociocultural. Nota-se portanto, que essa relativização não ocorre quando o ocidente compara seus hábitos alimentares com hábitos alimentares asiáticos, colocando-os na categoria de perigo ou primitivismo.

A noção exótica conferida a comida oriental pelos ocidentais nega suas particularidades, pois considera que o padrão de valor deve ser ocidental refletindo desse modo uma relação hierárquica. Acima disso, reflete que o Ocidente considera suas práticas e preferências alimentares mais valorosas ignorando que as particularidades políticas e sociais do Oriente variam e muito de uma sociedade para outra.

O lugar de estranheza a que a comida oriental está alocada revela a presença, entre nós, de tabu alimentar, bem como o que consideramos comestível e aceitável em termos de cultura e de alimentação. A hipótese deste trabalho partiu da noção presente no senso comum de que a comida oriental é estigmatizada. A principal referência de senso comum aqui referida é o assombro coletivo em saber que há pessoas que comem cachorros.

Ao pensarmos sobre hábitos alimentares que envolvem animais pelos quais nutrimos afeto, como cachorros, o incômodo é maior. Existe nisso um tabu. Gatos e cachorros são animais domesticados e que fazem parte de nossos lares. Os cães são amados e valorizados. Em contrapartida, animais como vacas, bois e porcos, que também fazem parte da rotina alimentar de chineses, são mais facilmente considerados comestíveis pelos ocidentais, dada a relação de distanciamento. A ideia de perigo entre os ocidentais leva ao entendimento de que não é aceitável o ato de consumir carne de cachorro, exceto em

circunstâncias extremas como guerras e escassez, devido à disponibilidade de outros tipos de carne e alimentos.

4. CONCLUSÕES

Por fim, destaco que as noções de perigo ocidentais tornam aceitável categorizar como impuro o ato de comer carne de cachorro, exceto em momentos extremos como guerras e fome aguda, dada a disponibilidade de outras carnes e alimentos, mas ignora-se que a sociedade oriental não necessariamente compartilha dos mesmos sistemas classificatórios culturais.

Desse modo, à medida que os hábitos alimentares revelam muito mais do que apenas o ato biológico de nutrir-se, é necessário saber o que cada comportamento revela sobre o meio social no qual estão inseridas, saber as razões das escolhas de determinados alimentos e não de outros. Os tabus, os riscos, as preferências.

É importante ressaltar ainda que esse trabalho não teve como desejo discutir em torno da problemática ética sobre comer carne, independente de sua origem, mas sim refletir sobre como determinados animais são considerados comestíveis enquanto outros não e teorizar em torno disso. Acima de tudo, busquei trazer considerações de como a alimentação pode ser mais do que meramente o ato de alimentar-se e configura uma série de tensionamentos de diversas ordens, inclusive políticos.

Além disso, o conceito de relativismo cultural e etnocentrismo debatidos nos fornecem uma arma importante para irmos na contramão do exotismo. No cenário apontado ao longo deste trabalho mostra-se primordial, uma vez que a estranheza resultante do contato com o outro rapidamente pode se transformar em uma relação hierárquica de superioridade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo em Antropologia / Raça e progresso. In: CASTRO, Celso (org.). **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. pp. 25-39 / 67-86.

CORRÊA, Lays Matias Mazoti. Em tempos de pandemia, (des)orientar-se: breves considerações sobre cultura e alimentação na China. **Cadernos de Campo**, v. 29, n. supl, p. 135-143, 2020.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Ed. 70, 1991.

MINTZ, Sidney W. Comida e Antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, p. 31-42, 2001.

MOULIN, Altier. O hábito de comer cachorro na China: mitos, verdades e imagens fortes. Disponível em: <https://www.penaestrada.blog.br/comer-cachorro-na-china/>. Acesso em: 112 jun. 2023

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

USP, Jornal da. População de origem asiática é vítima de violência e preconceito na pandemia. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/actualidades/populacao-de-origem-asiatica-e-vitima-de-violencia-e-preconceito-na-pandemia/>. Acesso em: 09 set. 2023.